

A QUESTÃO SOCIAL DA ZIKA

Profissionais da Fiocruz acompanham de perto os movimentos das famílias afetadas pela doença, que já organizaram passeatas e manifestações

Aline Câmara



Quase dois anos após as primeiras correlações entre o aumento dos casos de microcefalia e a infecção pelo vírus zika em gestantes, a ciência avançou e deu respostas importantes no acompanhamento tanto das gestantes, quanto das crianças. Contudo, existe outro lado deste cenário que ainda carece de atenção. Trata-se do aspecto social do que hoje é chamado de Síndrome Congênita do Zika (SCZ). “Em um primeiro momento a preocupação maior era com a clínica e com as medidas de prevenção ao mosquito. O que nos deparamos agora é com a necessidade de chamar atenção para pesquisas no campo das ciências sociais e humanas, relacionadas às experiências que essas famílias trazem a partir de situações que inclusive não foram passíveis de escolha”, destaca a psicóloga e coordenadora de Ensino do Instituto Nacional de Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira (IFF/Fiocruz), Martha Moreira.

No Rio de Janeiro, uma associação de mulheres com filhos nascidos após a epidemia, chamada Mães de Anjos Unidas, tem promovido ações com o in-

tuito de gerar uma mobilização não apenas para a questão assistencial envolvida, mas também para a necessidade da garantia de direitos. Assim como Martha, profissionais do Instituto têm acompanhado de perto os movimentos das famílias, que já contou com passeatas e manifestações pela cidade. “Quando a gente vai para as ruas junto com essas mães, estamos ajudando as famílias a chamar atenção da sociedade e do Estado para a necessidade da existência de um conjunto de medidas de caráter intersetorial, que envolva o cuidado, mas também a garantia de emprego, entre outras questões. Este conjunto de iniciativas dialoga com a necessidade identificada pela Fiocruz de criação da Rede de Ciências Sociais e Humanidades, frente à epidemia de zika, coordenada pela presidente da Fiocruz, Nísia Trindade”, pontua.

A assistente social do IFF Alessandra Gomes também acompanha de perto esta realidade, seja nos grupos de acolhimento às famílias do Instituto seja no projeto de pesquisa que ela está coordenando, com o intuito de traçar caminhos para o enfrentamento das implicações sociais da SCZ. O estudo é pautado na análise das experiências das famílias: “através dos relatos percebemos uma dificuldade muito grande no acesso às redes de atendimento, direitos e benefícios sociais, o que tem se agravado com a crise do Estado e, mais especificamente, com a situação do Rio de Janeiro. Através desses espaços de fala e troca com os pais, promovemos um canal de aproximação entre a família e a equipe. A construção deste vínculo de confiança é fundamental para a continuidade do tratamento”, sinaliza Alessandra.

Evento reúne iniciativas voltadas para a SCZ

A experiência da assistente social do IFF se juntou a outras muitas desenvolvidas pelo país na programação da 1ª Feira de Soluções para a Saúde, com a temática da zika. Entre uma ampla agenda composta por conferências, oficinas, rodas de conversas e simpósios,



A assistente social Alessandra (ao centro) com as médicas do IFF Juliana e Glaucia (Foto: IFF/Fiocruz)

chamou atenção de quem passou pelas salas do Senai/Cimatec de Salvador, no início de agosto, a mobilização da sociedade para propor alternativas que, de alguma forma, pudessem atender às necessidades que as famílias conhecem bem. “Ver como a sociedade se organizou para mostrar soluções que teoricamente seriam responsabilidade do Estado, foi o mais interessante”, resalta Maria Elisabeth Moreira, coordenadora de Pesquisa do IFF.

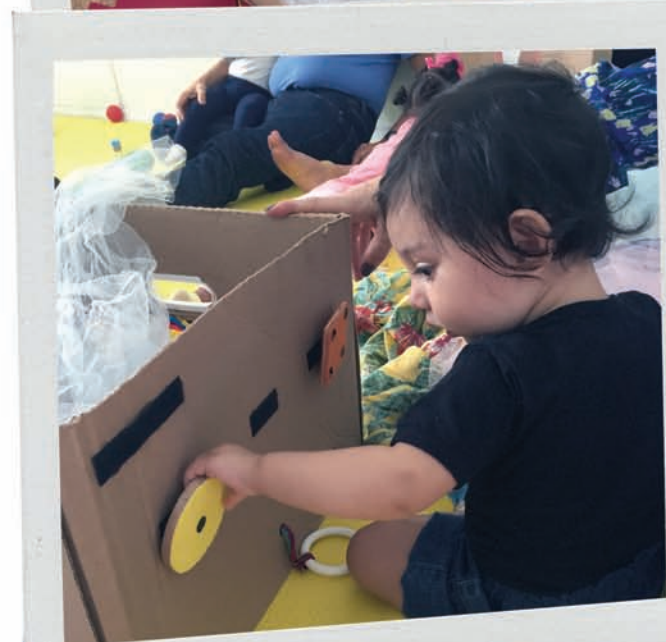
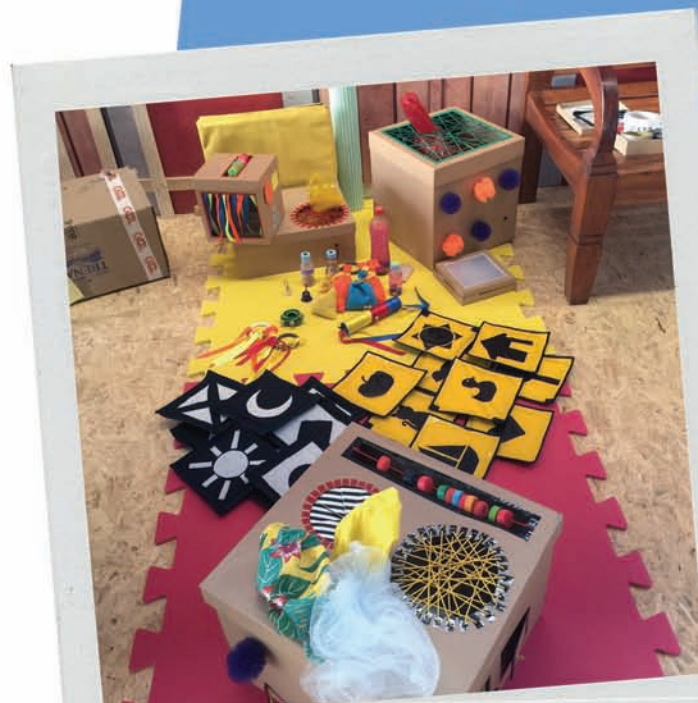
Maria Elisabeth esteve, junto com a fisioterapeuta Miriam Calheiros, à frente da proposta Caixa e Bacia. A iniciativa, realizada em parceria com as ONGs Movimento Down e Movimento Zika, tem como proposta a criação de brinquedos a partir de materiais de baixo custo. “As artesãs do Movimento de Ação e Inovação Social (Mais), Flávia Oliveira e Maria Antônia Goulart, produziram brinquedos que foram validados pela equipe técnica do IFF em relação às necessidades das crianças. A partir de objetos simples que todos temos em casa, como caixas, rolos e alguns utensílios de papelaria, montamos os brinquedos e colocamos as crianças para brincar. As mães ficaram encantadas com as respostas que as crianças davam. Uma vez que a gente posicionava a criança na bacia, por exemplo, era possível observar a mudança na postura e a interação com os estímulos”, afirma Miriam.

A recepção das mães foi tão positiva que no dia seguinte elas tiveram a iniciativa de levar por conta própria os materiais que tinham em casa e solicitaram que a equipe do Instituto promovesse uma oficina para que aprendessem a produzir os brinquedos. “As mães aprenderam e cada uma delas levou para casa o seu próprio brinquedo para realizar atividades com seus filhos. Conseguimos envolver aquelas mães em um estímulo possível para as crianças”, afirmou Maria Elisabeth. “Empoderar a família, ajudá-la a compreender melhor a condição da criança e enxergar as suas potencialidades: isso é promover a saúde”, completa Miriam.

Durante a Feira, diversos espaços

foram pensados para dar voz às associações de mães e grupos que estão trabalhando a questão da proteção social. Participando como consultora técnica da maratona tecnológica Hackathon, Miriam descreve como foi a atividade: “Minha função era apontar as demandas específicas de saúde que estão envolvidas no contexto do zika. Mas diante de tantas mães presentes pensei que seria interessante uma aproximação entre elas e as equipes de desenvolvedores de tecnologias. O contato dos profissionais com a realidade permitiu que eles pensassem protótipos de produtos factíveis tanto na área da vigilância, quanto em possibilidades de bancos de dados que permitam o cruzamento de informações sobre o atendimento a essas crianças”.

No campo da gestão, no que tange diferentes estratégias de qualificação e formação da sociedade civil e dos profissionais envolvidos na epidemia, a coordenadora de Desenvolvimento Institucional do IFF, Maria Auxiliadora Gomes, teve a oportunidade de apresentar o programa de mestrado profissional com ênfase em zika, lançado no início deste ano. “O mestrado profissional está inserido no contexto da resposta institucional da Fiocruz ao quadro de emergência sanitária relacionada à infecção pelo vírus e seu impacto na saúde de mulheres e de crianças, com destaque na abordagem das dimensões epidemiológicas, humanas e sociais e na necessidade de definição de modelos de prevenção e cuidado”, conclui Maria Auxiliadora.



As profissionais do IFF Maria Elisabeth e Miriam, acompanhadas das artesãs Maria Antônia e Flávia promoveram uma oficina para as mães

